

O PERDÃO E SUA APLICABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DO SER ESPIRITUAL

*Alessandra dos Santos Pereira⁵⁵, João Carlos dos Santos Jr.^{**}*

INTRODUÇÃO

Uma das necessidades humanas de primeira ordem – para aquele que se dispõe a adentrar no campo espiritual, como ser que reencarna com propósitos de evolução, envolvido pela centelha Divina que lhe proporciona alcançar a felicidade ou perfeição relativa – está em encontrar-se consigo mesmo.

O autoencontro compõe-se de um trabalho de silêncio exterior, para ouvir com atenção o que há dentro de cada um. São momentos em que é necessário esvaziar a mente das situações corriqueiras para deixar vir à tona as inquietudes da alma, num mergulho profundo e esclarecedor capaz de proporcionar, após algum tempo de navegação dentro de si, o desembocar nas praias da harmonia e da paz interior.

Por não perceber a necessidade do encontro consigo mesmo, por milênios, o homem vem vivendo no dualismo entre o bem e o mal, que o transforma, quando manifesta seu lado “mal”, em criatura a ser punida e por outro lado, criatura a ser recompensada, quando promove o bem, vivenciando realidades psíquicas de culpa e reparação constante.

Herdeiro da ancestralidade do conhecimento, em que as concepções filosóficas e teológicas estavam baseadas em duas realidades opostas, não subordináveis e irreduzíveis entre si, o homem atual, sobretudo o espírita, ainda estagia nesta faixa imatura e incompatível com a realidade de si mesmo, experimentando uma esfera psíquica de alto grau de sensibilidade, quando ativada pelas tribulações da vida atual.

A Doutrina Espírita expõe inúmeros recursos para ampliar o acesso a percepções mais acuradas de si mesmo, num contínuo convite ao Ser para perceber-se de forma integral, como Espírito Imortal, com a contribuição valorosa do Evangelho de Jesus. No entanto, esclarece que durante o processo de escuta do Eu Superior emergem conteúdos que devem ser submetidos ao viés do autoperdão como atitude de amor a si mesmo, ao próximo e a Deus, uma vez que “o amor cobre a multidão dos pecados” conforme asseverou Jesus.

Assim, a proposta deste artigo baseia-se em propiciar uma reflexão sobre a necessidade do autoperdão, percorrendo conceitos de perdão adrede estabelecidos no psiquismo humano e demonstrando estratégias úteis para sua aplicação na vida cotidiana.

Entendendo o Perdão

O perdão pode ser estudado e analisado a partir de várias perspectivas de acesso ao conhecimento, ou seja, tanto científica quanto religiosa. No entanto, é fundamental que a compreensão de tais pontos de vistas seja percebida de maneira histórica, complementar e integrada, uma vez que para

⁵⁵ Estudante do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, na Fundação Allan Kardec.

^{**} Trabalhador da Diretoria de Estudos Doutrinários da Fundação Allan Kardec.

as mais diferentes formas de conhecimento o homem é o principal objeto das investigações.

Dito isso, importa estabelecer uma definição sobre o que é o perdão. Em sua etimologia, perdão provém do latim tardio "*perdonum*" em que o prefixo "per" pode significar "perfeição da ação", ou "afastamento", mas pode significar também "através de", "por" e o substantivo "*donum*" que significa "dom". No latim clássico vem do verbo "*pérdere*" que possui o sentido de "perder" e também de "dar" ao mesmo tempo. Assim, é possível entender perdão como entrega de um dom sem almejar algo em troca, ou seja, uma capacidade de doar sem reservas (OLIVEIRA, 2003).

Para a ciência psicológica existem muitas definições de perdão e alguns elementos essenciais no entendimento do conceito, que dizem respeito ao: a) reconhecimento da ofensa injusta, b) o direito de estar ferido e, c) a desistência de algo que se tinha direito em favor de ser perdoado. Pode ainda ser compreendido como a capacidade de ultrapassar a mágoa, o ressentimento ou a vingança que o ofensor merecia através da compaixão ou da benevolência para com o mesmo (NORTH, 1987). Estas considerações dizem respeito ao relacionamento entre pessoas (a que perdoa e a pessoa perdoada), e o terreno das exposições da psicologia sobre o assunto limitam-se as relações interpessoais e ao desenvolvimento moral e social dos indivíduos (RIQUE e CAMINO, 2010).

Outro aspecto a ser considerado, ainda no campo científico é que teóricos e pesquisadores concordam sobre o que não é perdão, mas não conseguem chegar a um consenso sobre o que é o perdão. As divergências concentram-se em três pontos fundamentais: a) se o perdão é um fenômeno intrapessoal ou interpessoal, b) se está relacionado a abrir mão dos sentimentos, comportamentos e pensamentos negativos ou se inclui também os elementos positivos ou ainda a substituição dos negativos pelos positivos e, c) qual a extensão do perdão na vida das pessoas, ou seja, trata-se de um evento extraordinário que transforma fundamentalmente a vida ou é algo comum na experiência cotidiana. É notório que esses impasses são resultados esperados sobre o processo recente aos quais as ciências estagiam na compreensão das forças e virtudes humanas (SANTANA e LOPES, 2012)

Do ponto de vista religioso a natureza do perdão é reconhecida como uma disciplina, um processo mental que visa modificar qualquer ressentimento, raiva, rancor ou outro sentimento negativo sobre determinada pessoa ou por si próprio.

Ordinariamente, as doutrinas religiosas trabalham o perdão sob duas óticas diferentes e/ou complementares: a) uma ênfase no perdão de Deus sobre as faltas humanas e, b) a necessidade dos seres humanos praticarem o perdão consigo e com o próximo, como pré-requisito para o aprimoramento espiritual.

A ideia do "perdão de Deus" é comum em todas as doutrinas religiosas, ou seja, é um processo mental e espiritual de cessar o ressentimento ou raiva contra outra pessoa ou contra si mesmo, decorrente de uma ofensa recebida, diferenças, erros ou fracassos, envolvendo ainda a cessação das penalidades. Pode-se compreender também que, quando um indivíduo comete uma ação contrária às normas propostas por determinada religião ou as leis de Deus, este deve pedir perdão a Deus através de orações e penitências.

A necessidade do perdão é fruto da ideia de que todo mal existente em nosso Universo é fruto do pecado, que se remonta a transgressão do homem as Leis de Deus no jardim do Éden. Este ato de rebeldia atraiu para a humanidade, inclusive para todos que viessem a partir de então, uma maldição do Céu, que implicaria em toda sorte de males e dores, de erros, de crimes e tudo quanto fosse de ruim. Dessa forma, o pecado teria entrado no mundo, atribuindo tudo o que existe de ruim no mundo como culpa do pecado, e esta culpa foi infligida a Adão e Eva que se deixaram seduzir pela Serpente (CASTRO, 2012).

Perdão para a Doutrina Espírita

A Doutrina Espírita tem conformidade com o que está escrito no Evangelho de Jesus, asseverado na primeira epístola de Pedro 4:8, *“o amor cobre uma multidão de pecados”*, e elucidado a partir das considerações dadas pelos espíritos nas obras codificadas por Allan Kardec, inaugurando para o cristão a concepção de que o pecado não deve ser sua fonte maior de preocupação, mas sim o amor em sua plenitude (BIBLIA, 2002).

Isto porque para o Espiritismo o pecado não pode ser concebido apenas como um ato deliberado de duas pessoas que transgrediram a Lei de Deus e como resultado foi imputado um erro a toda a humanidade, na qual cada um já nasce com o “erro” ou “pecado original”. Para o espírita o pecado é concebido a partir de uma ótica mais amadurecida, lançando a luz do entendimento sobre o assunto, trazendo conforto e esperança aos homens, saindo do papel de “pecador” e assumindo uma posição de “ser em processo de evolução” (KARDEC, 1868).

Abandonemos a noção de “pecado original” que carrega em seu bojo a eternidade da pena, e assumamos a proposta descrita por Kardec em O Céu e o Inferno, cap. VI, na qual é possível perceber que não existe pena eterna, ou seja, não há um determinismo inflexível sobre os “erros” da humanidade, mas sim um objetivo maior, que é o cumprimento com sabedoria das leis de Deus que estão inscritas na consciência. Certamente, o mecanismo mais coerente em favor deste argumento é a reencarnação, pois é através dela que o Espírito progride, se aperfeiçoa e amplia sua consciência, buscando reparar seus “erros” (KARDEC, 1991).

Desse modo, o pecado assume posição secundária no processo de aperfeiçoamento do espírito, sendo o amor o elemento que passa a capitanear todas as aspirações dos viajantes da Boa Nova, na caminhada rumo à perfeição, levando consigo a Lei maior: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

Há ainda outro elemento que a noção de pecado conduz: a culpa. Culpabilizar-se pelos erros cometidos é resultado de séculos de condicionamento dentro do pensamento judaico-cristão (CERQUEIRA, 2004). Na verdade, não exatamente do judaísmo, mas sim do catolicismo em sua fusão mais tarde com outras matrizes religiosas, sobretudo o puritanismo, associado ao interesse de domínio e manipulação da população na cultura ocidental. Nesta concepção o pecador deve ser punido violentamente, pelos erros cometidos, criando uma esfera psíquica impregnada de culpa ao longo dos séculos (CASTRO, 2012).

Para a Doutrina Espírita não existe culpa, mas sim responsabilidade. Cada ser em evolução é responsável por seus atos, respondendo por suas ações através de mecanismos que levem a conscientização das atitudes imaturas e reparação das mesmas, nas mais diversas experiências necessárias para alcançar o progresso espiritual. Essa compreensão pode ser percebida no texto de Mateus, cap. 9, v. 13 *“Vão aprender o que significa isto: ‘Desejo misericórdia, não sacrifícios. Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores’”* (BIBLIA, 2002), tal como um pai que corrige o filho, a misericórdia divina não necessita de punição ao “pecador”, age com a finalidade de educá-lo, auxiliando-o a compreender o que precisa mudar para alcançar os desígnios divinos que lhe foram reservados.

A compreensão e, por consequência, a profundidade deste ensinamento revela que amar inclui uma dimensão importante do perdoar e que todas as vezes que se ama, por efeito se perdoa, valendo-se desta ideia para a relação com o outro ou consigo mesmo.

Amor e Perdão

Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, o espírito Lázaro assevera:

O amor resume toda a Doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. No seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos (Kardec, 1987).

Neste trecho a proposta evolutiva do Espírito está resumida. À medida que o progresso é realizado, os instintos vão se aperfeiçoando, ampliando a razão e favorecendo um despertar da consciência, próprio dos seres mais elevados.

Este processo é gradativo, não ocorre por saltos, por vezes pode demorar milênios; no entanto, a marcha é inexorável. Os estágios em cada fase: instinto, sensação e sentimentos são peculiares ao desenvolvimento e domínio do espírito sobre a matéria, domínio este adquirido e forjado nas brasas do próprio coração e experimentado nas diversas oportunidades em cada existência.

Desse modo, da condição de espíritos imperfeitos, ainda ligados aos instintos e após percorrer todo o processo evolutivo e ter sublimado totalmente a matéria, o Ser gozará da condição de espírito puro, utilizando o requinte do sentimento como bússola orientadora de todas as formas de expressão do mesmo, seja intelectual ou moral, fluindo amor em plenitude.

Neste sentido, o amor se revela como condição primeira no entendimento de vida daqueles que buscam libertar-se do sofrimento e dos equívocos do passado, ampliando a capacidade de autorenovação, através do autoconhecimento. Ao buscar tais cometimentos, o Ser pode experimentar situações de autoperdão, como parte do processo de educação espiritual pelo amor, engajado no próprio aperfeiçoamento e inspirado por Deus na direção da angelitude (CERQUEIRA, 2004).

Estratégias para a aplicabilidade do perdão

Neste tópico, será apresentado um conjunto de estratégias como recursos práticos de vivência interior. Elas não são capazes de colocar o perdão numa dimensão sublime, contudo a pessoa que se dispuser a

experimentá-las, trazendo-as para o fundo da alma, num mergulho do EU, saberá manuseá-las calibrando, ajustando, dando ordem, educando-se. Por isto, a condição para delas fazer-se uso não é a simples interpretação cognitiva, mas a leitura uma reflexão sensível, discernindo, sentindo e raciocinando naquilo que lhe for tocado.

Por não se tratar de manual de conduta, nem de roteiro a ser seguido passo a passo ou rito processual, o uso destas estratégias, tem caráter intransferível e são de propriedade do ser em crescimento, que com uma chave abre portas que possibilitam acesso a jardins com várias plantas que necessitam de cuidado, carinho e amor. Eis a metáfora para contextualizar os assuntos que se seguem.

Para trazer o foco das estratégias pelo viés da Doutrina Espírita, foi observada qual a estratégia de Allan Kardec para colocar em prática os conteúdos aprazados em “O Livro dos Espíritos”, em dois momentos significativos “do como fazer”.

O primeiro momento, do lançamento da Revista Espírita, em 1858, quando exercitou o diálogo ao colocar para sociedade da época e para o mundo suas reflexões, não como verdade absoluta, mas convidando aos outros o apreço àquelas novas ideias e a boa prática do convívio daqueles que pensam diferentes.

O segundo momento, quando da fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas declara, no primeiro artigo, em 01 de abril de 1858: “Art. 1º — A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e suas aplicações às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas” (KARDEC, 1984).

Desse modo, é possível perceber de maneira prática, as questões físicas, históricas, morais e psicológicas como temas importantes descritos por Kardec aos companheiros da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, denotando, portanto, os recursos da Doutrina Espírita e sua aplicabilidade nas diversas questões humanas, inclusive psicológicas.

Aprofundando-se na Doutrina Espírita, encontra-se o relato do Espírito Joanna de Angelis, na obra “O despertar do Espírito”, um esclarecimento sobre o papel da psicologia espírita.

A tarefa da psicologia espírita é tornar-se ponte entre os notáveis contributos dos estudos ancestrais dos eminentes psicólogos, oferecendo-lhes uma ponte com pensamento espiritista, que ilumina os desvãos e os abismos do inconsciente individual e coletivo, os arquétipos, os impulsos e tendências, os conflitos e tormentos, as aspirações da beleza, do ideal, da busca da plenitude como decorrência dos logros íntimos de cada ser, na larga escala reencarnacionista. (Franco, 2000).

Embasado nesta premissa de uso prático da Doutrina dos Espíritos, proposto por Kardec na referida Sociedade Espírita e apoiados por Espíritos como Joanna de Angelis que vêm se posicionando nos chamados “tempos de transição planetária”, utiliza-se o poderoso recurso de olhar o Ser Integral e buscar ferramentas que mostrem os “porquês” dos remorsos e rancores que estão por trás da falta de perdão.

A primeira estratégia que o Espiritismo nos traz, é olhar o Ser como Espírito em processo educativo e, o mecanismo pedagógico para a educação do Espírito, como um caminho de reflexão a cada encarnação, é amorosamente

olhar para si mesmo e “pensar” sobre suas chagas e virtudes, através da compreensão e do auto-amor.

Mas, o que é auto-amor? No dizer de Joanna de Angelis:

[...] o auto-amor é, sobretudo, auto-encontro, conquista de consciência de si mesmo, maturidade, equilíbrio. [...]o amor-próprio deve ser revisto, a fim de ser substituído pelo auto-amor profundo, sem resquícios egoísticos, geradores do personalismo doentio que nos leva a conflitos perfeitamente evitáveis. [...] A segurança psicológica do indivíduo centraliza-se no autoconhecimento, na auto-identificação, no auto-amor, no ser (FRANCO, 1993).

Por esta estratégia, o perdão passa a ser um caminho de escolha e aquele que caminha em direção a si mesmo irá promover a si o perdão, pois, percebe o reverberar do Amor Divino nos recônditos de sua alma, refletidos em sua consciência porque partiu do autoamor. Daí, decorre o autoperdão ápice do respeito a si próprio e do autoencontro.

Pela ótica de Jesus, supremo exemplo de comportamento humano, quando trata diretamente do perdão nos ensina: *“Reconcilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele...”* — JESUS (Mateus, 5.25). O primeiro verbo é “Reconcilia-te”, ou seja, reconciliar você com você mesmo, se encontrar-se num diálogo sincero consigo mesmo, como preparo para a atitude seguinte, que poderá ser a procura daquele a quem feriu.

No ato de novamente conciliar-se ou reconciliar-se, denota a insistência na culpa ao que podemos deduzir como nossas necessidades de aprendizado diante da Lei Divina, recalitrando em mágoas ou remorsos.

O primeiro perdão é a nós mesmos, como um gesto de humildade. É reconhecer que feriu primeiro a si mesmo. Pela virtude da humildade, Alberto Almeida (2012) diz que damos um passo importante.

Humildade é o passo inicial. Aceitar que não somos capazes de perdoar (ou perdoar-nos) prontamente. Mas também reconhecer que já escolhemos a direção certa, rejeitando a própria criminalização com auto-castigos, abdicando de nutrir o remorso, bem como abrindo mão de vinganças e ódios, desistindo de alimentar o rancor contra o ofensor (ALMEIDA, 2012).

Todos os seres são dotados de virtudes, que são estratégias divinas para nosso soerguimento diante daquilo que foi imposto a si mesmo quando incorre em desequilíbrio moral; estabelecendo o escudo interno da auto-cobrança ou do chamado perfeccionismo, como punição ao passado como resultado da falta de auto-amor.

As virtudes movem o Ser em direção à caridade, à prece, à perseverança, que o alimenta, contribuindo para que a dor passe e o aprendizado permaneça. Aplicar o potencial de virtudes inerentes no Ser é um poderoso recurso para o bom combate, posto que nas primeiras tentativas, elas apresentar-se-ão sem sucesso, por isto a necessidade de perseverar. Quando o orgulho é enfrentado, a dor de ser humilde arrefece o coração diante das sabotagens do espírito em sofrimento. Na prece, a reconciliação com o Pai tudo concede misericordiosamente, iluminando a sombra psicológica, evitando o envolvimento do Ser nos liames e tramas do mundo espiritual.

Pelo dualismo do bem e do mal, cria-se um campo mental aprisionador que coloca o Ser no processo da auto-punição, o que o faz negar a hipótese do

auto-amor. O Apóstolo Paulo, no “O Livro dos Espíritos”, na resposta 1009, aborda esta ligação e conclui utilizando os recursos do sentimento e da razão.

Quem é, com efeito, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem--Deus, por Jesus-Cristo.

[...] “Oh! em verdade vos digo, cessai, cessai de pôr em paralelo, na sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura. Fora criar uma penalidade injustificável. Afirmar, ao contrário, o abrandamento gradual dos castigos e das penas pelas transmigrações e consagrareis a unidade divina, tendo unidos o sentimento e a razão” (KARDEC, 1995).

A estratégia de vivenciar emoções perturbadoras, utilizando o bálsamo do autoamor conduzirá ao alívio do “fardo pesado” e o desabafo que oportunizará facear o Eu com leveza, promovendo uma “limpeza” das impurezas promovidas por estas emoções malsãs, ampliando a sintonia de paz e equilíbrio interior.

Essa estratégia pode se materializar através da arte, como expressão divina das emoções vivenciadas; na prática da meditação, promovendo exercícios de respiração, aproveitando melhor os recursos da energia Divina acionada em cada molécula de oxigênio ingerida, liberando a toxidez da alma conturbada por meio do gás carbônico expelido. O chorar, dito por Jesus, “*Bem aventurados os que choram...*” (Mateus 5, 4) exercitado com coragem e honestidade emocional os ensinamentos do excelso Amigo. Na adoção da humildade, representada por Pedro, depois da terceira negação a Jesus, que se comoveu em prantos copiosos, mostrando a toda a humanidade a humildade do grande apóstolo que se curvou, diante de Jesus e sobre si mesmo, para pedir perdão.

Naturalmente, em paz consigo, a pessoa escolherá a estratégia que melhor lhe aprouver para dar continuidade na jornada do perdão, construir virtudes consolidando sua rota mental e ajustando seus comportamentos e conduta moral a este novo estágio dinâmico. Escolhendo pela autorreflexão, que o leva ao autoconhecimento, e este, por sua vez o conduz ao autoencontro, certamente, a criatura em processo de crescimento assumirá forças para transpor as dificuldades e alcançar as transformações morais mais sublimes que lhe foram reservadas.

Há de se ressaltar, ainda, o recurso do diálogo sincero com as pessoas que lhe são afins, capaz de promover o sustento dos laços de afeto com aqueles que estão na proximidade do lar, favorecendo o reflexo disso nas ações de trabalho e dos sentimentos elevados, na convivência cotidiana, possibilitando atitudes reparadoras.

Assim, de todas as estratégias que se queira discutir, o sublime recado de Jesus a Pedro tem o maior efeito terapêutico, elucidado na passagem do livro Boa Nova, pelo Espírito Irmão X.

Foi quando, então, fez Simão Pedro a sua célebre pergunta:

— ‘Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes?’

Jesus respondeu-lhe, calmamente:

— Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.

Daí por diante, o Mestre sempre aproveitou as menores oportunidades para ensinar a necessidade do perdão recíproco, entre os homens, na obra sublime da redenção.

Acusado de feiticeiro, de servo de Satanás, de conspirador, Jesus demonstrou, em todas as ocasiões, o máximo de boa-vontade para com os espíritos mais rasteiros de seu tempo. Sem desprezar a boa palavra, no instante oportuno, trabalhou a todas as horas pela vitória do amor, com o mais alto idealismo construtivo. E no dia inesquecível do Calvário, em frente dos seus perseguidores e verdugos, revelando aos homens ser indispensável a imediata conciliação entre o espírito e a harmonia da vida, foram estas as suas últimas palavras “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!” (XAVIER, 2006).

Neste processo de autodescoberta sobre as causas e a necessidade do perdão como cura das emoções que ainda aprisionam o Ser, é essencial buscar os recursos benfeitos propostos nas diversas passagens do Evangelho, descobrindo potencialidades em si mesmo e assumindo estratégias de autoamor que se multiplicam e orientam o viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a necessidade do autoperdão, proposta neste artigo, certamente não foi exaurida. A filosofia central é contribuir para um olhar mais atento e cuidadoso sobre si mesmo, utilizando para tal os recursos disponibilizados pelo Evangelho de Jesus, ratificado pelo Espiritismo.

É essencial a compreensão das ideias que se carrega no psiquismo sobre o perdão e suas influências na construção do autoconceito e das potencialidades que o Ser carrega dentro de si. Isto porque há tempos esses entendimentos foram moldados, na visão do senso comum, pareados ao processo histórico e cultural das religiões dominantes, conceitos estes que influenciam sobremaneira a visão dos espíritas sobre os conteúdos da própria Doutrina Espírita. É como se adotasse um véu translúcido, ou uma lente de cor específica para compreender o Espiritismo a partir desta visão.

É essencial aprofundar os conhecimentos doutrinários, evitando risco de colocações enviesadas sobre a Doutrina Espírita e aproximando seus ensinamentos na vida cotidiana de seus adeptos. Obviamente, que a transposição das reflexões para o campo das práticas diárias é esforço pessoal e intransferível, uma vez que, o Espiritismo não adota normas ou manuais de conduta sobre a vida das pessoas, mas sim, orienta a direção, sinaliza caminhos que necessitam ser percorridos por todos aqueles que adotam para si sua proposta filosófica e religiosa.

Assim, acredita-se que as considerações esboçadas neste artigo favoreçam um entendimento mais acurado sobre os ensinamentos doutrinários e contribuam para um olhar para si com maior mansidão, acolhimento, ternura e amor, manifestando de modo expressivo o ensinamento maior: “Amar a Deus sob todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Jozimar; MIRANDA, Ismail L.; COSTA, Jonathan A.; MACIEL, Luiz A.; FERREIRA, Rodrigo A.; SOUZA, Wander O. **Natureza Humana e Pecado**. In. Revista Horizonte Teológico. Belo Horizonte, MG: O Lutador, 2009.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CASTRO, Cláudio F. **O Dogma do Pecado Original a Luz do Espiritismo**. 2012. Disponível em: <<http://espiritismoeevangelho.blogspot.com.br/2012/06/o-dogma-do-pecado-original-luz-do.html>>. Acesso em: 06 Set. 2015.

CERQUEIRA, Alírio. **Psicoterapia a luz do evangelho**. Ed. Bezerra de Menezes, 2004

FRANCO, Divaldo P. **O despertar do espírito**. Pelo Espírito Joanna de Angelis. Livraria Espírita Alvorada Editora, Salvador (BA), 2000.

_____. **O ser consciente**. Pelo Espírito Joanna de Angelis, v. 8, 1993.

KARDEC, Allan. **Do Pecado Original Segundo o Judaísmo**. In: Revista Espírita, Rio de Janeiro, RJ: FEB, Novembro de 1868.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 97 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

_____. **O Céu e o Inferno**. 37 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

_____. **O Livro dos Espíritos**; 76 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

_____. **O Livro dos Médiuns**. trad. Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro: FEB, 1984.

NORTH, Joanna. (1987). **Wrongdoing and forgiveness**. *Phylosophy*, 62, 499-508

OLIVEIRA, José H.B. **Perdão e Felicidade: uma abordagem intercultural**. Revista Psicologia, Educação e Cultura, vol. VII, no. 02, pág. 283-312, 2003.

RIQUE, Júlio; CAMINO, Cleonice P. S. **O perdão interpessoal em relação a variáveis psicossociais e demográficas**. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre , v. 23, n. 3, p. 525-532, 2010.

SANTANA, Rodrigo G.; LOPES, Renata F. F. **Aspectos Conceituais do Perdão no Campo da Psicologia**. *Psicologia: Ciência e. Profissão*, v. 32, n (3), p. 618- 631, 2012.

XAVIER, Francisco C. **Boa nova**. Especial. Pelo Espírito Irmão X. Rio de Janeiro: FEB, p. 75, 2006.